

CARTA PASTORAL

ARQUIDIOCESE DE SANTARÉM



PATRIS CORDE

ANO DE SÃO JOSÉ

2020-2021

DOM IRINEU ROMAN, CSJ

CARTA PASTORAL

Dom Irineu Roman, CSJ



**Arquidiocese de Santarém
Santarém – Pará – 2021**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO – **pág. 04**

PREMISSAS – **pág. 06**

A - Uma homenagem ao Arcebispo! – **pág. 06**

B - ESCUTA DOS PADRES – **pág. 06**

C - REUNIÃO DO CONSELHO ARQUIDIOCESANO DE PASTORAL– 06 e 07/03/2020 – CONCLUSÕES DO ARCEBISPO – **pág. 07**

1 – PASTORAL: UMA DEFINIÇÃO – **pág. 08**

2 – O ANÚNCIO DE UMA PESSOA: JESUS DE NAZARÉ – **pág. 11**

2.1 – “JESUS É SENHOR” – SENHORIO DO RESSUSCITADO – **pág. 11**

2.2 – SENHORIO DE CRISTO E LIBERDADE DO HOMEM – **pág. 12**

2.3 – QUEM É JESUS CRISTO? – **pág. 13**

2.4 – “JESUS É O CRISTO” – **pág. 15**

2.5 – COMO DEFINIR A PESSOA DE JESUS, O “CRISTO” – **pág. 16**

3 – CRISTO, CABEÇA DA IGREJA – **pág. 17**

3.1 – PEDRO E PAULO: COLUNAS DA IGREJA – **pág. 19**

4 – ESPIRITUALIDADE DA ACOLHIDA – **pág. 20**

5 – PERFIL DO AGENTE LEIGO – **pág. 22**

6 – TRÊS ÍCONES DO CRISTIANISMO – **pág. 24**

6.1 – MARIA DE NAZARÉ, MÃE DE JESUS – **pág. 25**

6.2 – SÃO PAULO APÓSTOLO – **pág. 27**

6.3 – SÃO FRANCISCO XAVIER – **pág. 30**

7 – EXORTAÇÃO APOSTÓLICA “EVANGELII GAUDIUM” – Alegria do Evangelho – **pág. 31**

8 – EXORTAÇÃO APOSTÓLICA “QUERIDA AMAZÔNIA” (RESUMO: PE. ANTONIO MATTIUZ) – **pág. 51**

9 – SOMOS ELEITOS E ENVIADOS EM MISSÃO – **pág. 58**

10 – CONCLUSÕES DA “CARTA PASTORAL” E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO – **pág. 60**

11 – FONTES BIBLIOGRÁFICAS – **pág. 64**

INTRODUÇÃO

Escolhido que fui pelo Santo Padre, Papa Francisco, para ser o Arcebispo da nova Arquidiocese de Santarém, tomei posse desta minha nova função ministerial a dois de fevereiro do ano de 2020. Logo após as celebrações de elevação da Diocese à condição de Arquidiocese e minha posse, tive a alegria de pregar o Retiro do Clero no Centro de Formação Emaús. Trabalhei com todo empenho e liberdade durante um mês e meio, e logo veio a Pandemia, que nos obrigou a viver de modo diferente, ou seja, a partir de novos paradigmas em âmbitos eclesiais e sociais. O tempo de isolamento social me motivou a realizar várias atividades internas na Cúria Metropolitana, do ponto de vista organizativo e no planejamento das atividades da Igreja. Por isso, tomei a iniciativa de escrever esta Carta Pastoral, dirigida ao Clero, Vida Religiosa, lideranças leigos(as), tendo como base, as escutas, incluindo minhas primeiras visitas nalgumas paróquias, áreas pastorais e comunidades, sobretudo a partir do diálogo com os sacerdotes, Religiosos(as), lideranças e o Povo de Deus. As escutas, as impressões, o diálogo e o olhar sobre o conjunto da Igreja me motivou a elaborar esta Carta Pastoral. Escrevi não tanto para resgatar coisas do passado, mas em vista do futuro de nossa Igreja, de modo particular, agora como Arquidiocese e Nova Província Eclesiástica.

Na abertura desta transcrevi uma mensagem, que recebi como “homenagem”, de uma adolescente da Pastoral do Menor, quando de minha visita a entidade, significando para mim, a importância de estar atento aos clamores dos pequeninos, “sujeitos” da predileção de Cristo Jesus. Relatei também como premissas, as palavras “chaves”, fruto da escuta dos padres, ocorrida na primeira reunião do clero e minhas observações e

conclusões, por ocasião da reunião do Conselho Arquidiocesano de Pastoral.

O desenvolvimento desta Carta apresenta o seguinte roteiro: premissas, introdução, uma definição sobre pastoral, um aprofundamento cristológico e eclesiológico; a temática da espiritualidade cristã; o perfil do agente leigo; três ícones do Cristianismo; Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”; Exortação Apostólica “Querida Amazônia” e nossa vocação missionária.

Finalizo minha primeira Carta Pastoral com algumas conclusões e perspectivas em vista do futuro de nossa Igreja Particular de Santarém. Quis também com este escrito, proporcionar uma iluminação para todos nós, tendo em vista os próximos passos a serem percorridos em nossa Igreja Particular de Santarém. Boa leitura a todos.

Dom Irineu Roman,CSJ
Arcebispo Metropolitano de Santarém

PREMISSAS

A – Uma homenagem ao Arcebispo!

(Adolescente Rosandra Baloeiros)

“Deus te trouxe até aqui! Seja bem-vindo à nossa casa Pastoral do Menor! Mudam-se os tempos, mudam-se as pessoas. Mudam-se os lugares, os projetos. Todo mundo está destinado a mudanças e, entre uma estação e outra, a chuva amazônica trouxe você: uma semente enviada por Deus.

Continuamente a Pastoral do Menor possui novidades, sejam nas pessoas que vão e nas que chegam, e saiba que estamos muito felizes com sua chegada à nossa família.

Somos crianças, adolescentes e famílias que vêm aqui para buscar apoio, atenção, ternura, solidariedade... AMOR. Com isso, juntos queremos fortalecer esses nossos laços de amor, pois nesta caminhada precisamos de perseverança, fé, parceria e ação, amando e respeitando-nos como verdadeiros irmãos.

A nossa família se alegra com a sua chegada. Que Deus abençoe nossa caminhada juntos. Seja muito bem-vindo! Que você se sinta em casa, pois aqui você vai encontrar muitos sorrisos e cafés.

Bem-vindo à Pastoral do Menor, Dom Irineu Roman, CSJ.”

B – ESCUTA DOS PADRES

1ª Reunião do Clero da Arquidiocese de Santarém dia 03/02/2020

- O QUE VOCÊ ESPERA DO ARCEBISPO?

PALAVRAS EM DESTAQUE

COMUNHÃO, UNIDADE, CAMINHAR JUNTOS (PASTORAL DE CONJUNTO)= 21 vezes; MISSÃO, EVANGELIZAÇÃO = 21 vezes; PASTOR, PAI, AMIGO E IRMÃO: 15 vezes; ESCUTAR, OUVIR= 13 vezes; FÉ,

ESPIRITUALIDADE = 11 vezes; EQUILÍBRIO, MANSIDÃO, HUMILDADE, CARIDADE, SOLIDARIEDADE = 11 vezes; LEIGOS = 09 vezes; ALEGRIA, ESPERANÇA = 09 vezes; COMUNIDADES, CEBs, NOVAS COMUNIDADES = 08 vezes; SÍNODO, SINODALIDADE= 08 vezes; FORMAÇÃO= 08 vezes; PASTORAL INDÍGENA E AFRO-DESCENDENTE= 06 vezes; AMOR E MISERICÓRDIA: 06 vezes; PROFECIA, TESTEMUNHO, JUSTIÇA E PAZ= 06 vezes; PASTORAL JUVENIL, DA JUVENTUDE E UNIVERSITÁRIA = 05 vezes; SEMINÁRIO, VOCAÇÕES =04 vezes; CATEQUESE (DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ) = 02 vezes.

C – REUNIÃO DO CONSELHO ARQUIDIOCESANO DE PASTORAL– 06 e 07/03/2020

CONCLUSÕES DO ARCEBISPO

- 1 – Cuidar bem da dinamização da Vida Eclesial. A comunidade (Igreja) deve estar sempre de portas abertas, oferecendo o Pão da Palavra e da Eucaristia;
- 2 – Valorização da Palavra de Deus: *Lectio Divina* e outros métodos. Oferecer esse alimento às nossas lideranças e Comunidades;
- 3 – Valorização dos Ministérios Leigos(as): Ministros da Palavra, da Eucaristia e das Exéquias;
- 4 – Levar em frente as propostas da Exortação Apostólica do Papa Francisco: “Querida Amazônia”;
- 5 – Pastoral de Conjunto, Pastoral Orgânica, Caminhar juntos (Unidade e Comunhão);
- 6 – Assumir a Campanha da Fraternidade como momento de aprofundar a relação Igreja-Sociedade, principalmente com diálogo fraterno.

7 – Colocar em prática o Projeto: “Cada Comunidade uma Vocação”. Os Ministros Extraordinários da Eucaristia recebam o encargo de animadores vocacionais das comunidades com oração e incentivo;

8 – Valorização das instâncias de Evangelização: Pastorais, Serviços, Movimentos e grupos. Unidade na diversidade;

9 – Dinamizar atividades sociais com práticas propositivas; cuidar das populações indígenas, quilombolas, assentados e ribeirinhos, promovendo-os em sua dignidade. Resgatar e acolher com benevolência as tradições e culturas desses povos, como nos pede o Sínodo: “Querida Amazônia”;

10 – Falar bem de nossa Igreja. Amar a Igreja. Nós somos a Igreja, devemos cuidar com carinho da Igreja como uma Mãe que ama seus filhos;

11 – A Arquidiocese de Santarém tem uma estrutura muito grande. Precisamos preservar e organizar, cuidar dos bens patrimoniais em prol de uma evangelização mais eficaz, sempre em benefício do Povo de Deus;

12 – Facilitar a ida do Arcebispo nas Paróquias, Áreas Pastorais e Comunidades. Isso vai gerar bons frutos.

1 – PASTORAL: UMA DEFINIÇÃO

“Pastoral” é uma palavra que representa a razão de ser de nosso ministério na Igreja. Vamos analisar num primeiro momento o conceito de Pastoral, origem e aplicações. Creio que esta reflexão nos ajudará a compreender melhor nossa dimensão de Igreja no que diz respeito à Pastoral e seus desdobramentos em nossa missão evangelizadora.

É pela Pastoral que a Igreja se organiza e dá coerência à sua presença dentro do mundo. Na verdade, a imagem do Pastor entrou na teologia e na prática da Igreja através da tradição

bíblica. É de lá que se deve iluminar qualquer compreensão de Pastoral. O povo de Israel encontrava no cultivo do rebanho de ovelhas sua principal riqueza e subsistência. É assim que surge a imagem de pastor. Para Israel, o verdadeiro “pastor é o Senhor que conduz o povo por verdes campos e o faz repousar à beira dos regatos tranquilos”¹.

Hoje o homem está cada vez mais mergulhado num mundo urbano, feito de cimento e asfalto e novas tecnologias cada vez mais sofisticadas. O termo pastor já não corresponde de imediato. Já houve, por exemplo, um pregador alemão que traduziu o belíssimo Salmo 22, “Deus é meu Pastor”, por “Deus é meu chofer que conduz o ônibus pelas autoestradas da vida”. De fato, é preciso adaptar figuras tradicionais aos novos tempos.

Na verdade, o verdadeiro pastor é alguém altamente dedicado que não reserva nada para si, põe seu tempo, sua saúde, seus dons, carismas e, até sua própria vida a serviço dos outros.

Jesus retomou a ideia de Pastor, ao assumir a função de cuidar das ovelhas². Ele conhece as ovelhas pessoalmente e deixa-se reconhecer por elas. Esse mútuo conhecimento garante a autenticidade de sua missão. Jesus vai mais além, ao afirmar que dá sua própria vida pelas ovelhas³.

A Igreja organiza a pastoral, em primeiro lugar, por missão recebida do próprio Cristo que anuncia o Reino de Deus e envia os seus discípulos a batizar, curar e a anunciar o Evangelho. Em segundo lugar, entende-se a Pastoral como serviço qualificado ao ser humano, articulando-se na história, em nosso caso, na Arquidiocese de Santarém.

Há teólogos que buscam uma explicação etimológica do termo “pastoral”. Para Clodovis Boff, *pastoral é a animação de*

¹ Salmo 22, 2

² João 10, 11a

³ João 10, 15b

*toda a vida cristã a partir da fé. Por animação entende-se a tarefa de pastorear, isto é, de fazer crescer o corpo de Cristo, de edificar a comunidade eclesial. A ação pastoral tem como objetivo inspirar a fé concreta do homem no dia a dia. Isto ele o faz, quando se engaja em favor da justiça*⁴.

*Para Libânio, a pastoral é a Igreja em marcha. É a sua face prática. Conhecendo-a não atingimos a totalidade da Igreja, como a prática não é a totalidade de uma pessoa. Há sempre um mistério maior que as práticas. A Igreja é também este mistério de fé, de graça, de amor de Deus, de vínculo de Jesus com ela. A pastoral reflete algo desse mistério, mas não o esgota*⁵.

Com o Concílio Vaticano II, em 1963, modifica-se a visão pastoral da Igreja. Agora, a Igreja preocupa-se também com a sociologia religiosa. Parte-se para um trabalho personalizado com minorias. A partir daí, a pastoral não é mais uma atividade somente clerical, mas uma ação também própria do leigo (a). A Ação Católica marca o início dessa nova visão pastoral em toda a Igreja da América Latina.

Neste novo modelo pastoral onde o divino se encontra com o humano; poderíamos chamar a isso de a “Encarnação do Evangelho”, toda vitória da justiça, da paz, do convívio humano, é vista pastoralmente com alegria e com satisfação.

O aspecto decisivo na Pastoral é o sacramental-salvífico das ovelhas. A Igreja, portanto, deve ser sinal de salvação em relação aos seres humanos. A ação pastoral deve criar condições objetivas, a fim de que o Reino se realize através da fé, da caridade e do anúncio da Boa Nova da Salvação.

⁴ Apostila: O Espírito da Pastoral.

⁵ Livro: O que é Pastoral

2 – O ANÚNCIO DE UMA PESSOA: JESUS DE NAZARÉ

“Abrindo então a boca, e partindo deste trecho da Escritura, Filipe anunciou-lhe a Boa Nova de Jesus”⁶. Esta expressão sintetiza todo ensinamento de Filipe ao ministro da rainha etíope e define que o conteúdo primordial, onicompreensivo do anúncio cristão é, além de um “acontecimento”, também uma “pessoa”.

A expressão: “foi acordado” (eghèrthe) tem como sujeito Jesus de Nazaré. A Ele se refere o “acontecimento”; por isso, é ele, essencialmente, o “coração” e a síntese daquela mensagem pascal que está na origem da história cristã, e que constitui o impulso permanente e insubstituível do anúncio.

2.1 – “JESUS É SENHOR” – SENHORIO DO RESSUSCITADO

O título típico e mais comum que é dado a Jesus entre os discípulos, em consequência da sua Páscoa, isto é, da sua “passagem” da sofrida existência terrena à glória da vida ressuscitada – é o de “Senhor”, (Kírios).

A primeira comunidade cristã atribui a qualidade de “Kírios” a Jesus de Nazaré com a clara e explícita consciência da íntima conexão deste título com a nova condição de “ressuscitado” do Filho de Maria, a quem agora recebe todo o poder no céu e na terra⁷.

Esta conexão está claramente declarada na fórmula de fé, apresentada na carta aos Romanos, como era proposta aos neófitos: “*Se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor, e no teu coração creres que Deus o Ressuscitou dos mortos, serás salvo*”⁸

⁶ Atos dos Apóstolos 8,35

⁷ Mateus 28,18

⁸ Romanos 10, 9

O acolhimento do Senhorio do Ressuscitado é considerado condição indispensável para ter acesso ao “caminho da salvação”, que constituirá “boa notícia” anunciada pela Igreja Apostólica. Ao carcereiro, que pergunta o que devo fazer para ser salvo, Paulo e Silas respondem: “*Disseram-lhe: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua família”*”⁹.

Como podemos notar a palavra “Senhor” (Kírios) é normalmente, usada para se referir ao Ressuscitado, de forma absoluta para a fé cristã: abrir-se a Cristo significa abrir-se ao plano de redenção, centrado na sua morte e ressurreição. “Jesus é o Senhor”, é, pois, a fórmula sintética do Evangelho, a que todo ser humano é chamado a aceitar no seu íntimo e a proclamar corajosamente diante de todos¹⁰.

A esta fé somente se chega graças a uma iluminação do alto. Ninguém pode dizer: “Jesus é o Senhor” a não ser sob a ação do Espírito Santo¹¹.

2.2 – SENHORIO DE CRISTO E LIBERDADE DO HOMEM

Esta antiga fórmula “Jesus é o Senhor” é o fundamento da nossa autêntica liberdade. Nós não temos nem podemos ter outro dono, porque já pertencemos a “Alguém”. A abolição da escravidão nasceu deste fato: o reconhecimento e a consciência de que – livres que somos às estruturas mundanas – para todos nós “há um só Senhor nos céus” “*Senhores, procedei também assim com os servos. Deixai as ameaças. E tende em conta que o Senhor está no céu, Senhor tanto deles como vosso, que não faz distinção de pessoas.*”¹².

⁹ Atos dos Apóstolos 16,31.

¹⁰ Conferir: Filipenses 2,11; Romanos 10,9; I Coríntios 12,3; Colossenses 2,6; Apocalipse 19,16.

¹¹ I Coríntios 12,3

¹² Efésios 6, 9

Recusar o Senhorio de Cristo é estar sujeito a uma recaída na submissão a novas tiranias, que, disfarçadas, querem rerepresentar-se no palco da história humana. – Quem não acolhe a Jesus Ressuscitado como único Senhor, acaba deixando-se dominar por eventuais novos “donos do homem” ou por diversos ídolos que exigem uma indevida adoração. – “Quantos patrões acaba tendo, quem foge do único Senhor”, dizia o bispo de Milão Santo Ambrósio.

O Senhorio de Cristo, portanto, é a chave de toda harmoniosa construção do universo, como aparece aos olhos do Criador, onde não há um fragmento sequer de um ser que seja casual e sem pertença. Nele, em Cristo, o ressuscitado, também nós somos “senhores do mundo”, como dizia São Paulo: *“Todas as coisas são vossas, vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus”*¹³

2.3 – QUEM É JESUS CRISTO?

Há um famoso episódio da vida de Jesus segundo a narração de Mateus: “Chegando Jesus ao território de Cesaréia de Felipe perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” Eles disseram: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas”. Então lhes perguntou: “E vós quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro respondendo disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne ou o sangue que te revelaram isso, e sim o meu Pai que está nos céus”¹⁴. Como se vê, o próprio Jesus propõe aqui o “problema de Cristo”. E é interessante observar como Jesus está interessado numa dupla investigação. 1) Quem diz o povo que eu sou? 2) Vós, quem dizeis que eu sou?

¹³ I Coríntios 3, 23

¹⁴ Mateus 16, 13-17

Aqui Cristo confere a Pedro o Primado sobre a Igreja *“E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”*.¹⁵ O texto é uma Catequese sobre o papel eclesial de Pedro. Tem duas partes:

Primeiro, de caráter cristológico: Define a identidade de Jesus: “Quem sou eu”? Na perspectiva dos homens, Jesus é apenas um homem bom e justo... Na opinião dos discípulos: “Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”. Quem é Jesus para mim? Que lugar ele ocupa em minha vida?

Segundo, de caráter eclesiológico: A Igreja é convocada à volta de Pedro: “Pedro, é a Rocha (pedra) sobre a qual, Cristo edifica a Igreja”. Essa “Rocha” é a fé que Pedro e a comunidade dos discípulos professaram: A fé em Jesus como Messias, Filho de Deus vivo. “O poder da morte nunca poderá vencê-la”. – Jesus garante a estabilidade e a firmeza da Igreja frente às forças do mal. “O poder das chaves”. – Revela a futura missão de Pedro: “Pedro recebe ‘as chaves do Reino’ e ocupa o primeiro lugar, com a missão de guardar a fé na sua integridade e de confirmar os seus irmãos”.

*“Na Sagrada Escritura, Deus fala ao homem à maneira dos homens. Portanto, para bem interpretar a Escritura, é necessário prestar atenção ao que os autores humanos realmente quiseram dizer, e àquilo que aprouve a Deus manifestar-nos pelas palavras deles.”*¹⁶ – “Atar e desatar”. – A Pedro e à comunidade apostólica é confiado o poder de interpretar as palavras de Jesus, de adaptar os ensinamentos de Jesus aos desafios do mundo e acolher na comunidade todos aqueles que aderem à proposta de Salvação,

¹⁵ Mateus 13, 18 - 19

¹⁶ Catecismo da Igreja Católica nº 109

que Jesus oferece. A Igreja é a comunidade dos discípulos que reconhecem Jesus como “o Messias, o Filho de Deus”.

2.4 – “JESUS É O CRISTO”

Em Corinto – dizem os Atos – “Paulo dedicou-se inteiramente à palavra, testemunhando (afirmando) diante dos Judeus que Jesus era o Cristo”¹⁷. É interessante observar que Paulo estava preso, prestes a morrer, no ano 67, escreve um Testamento espiritual, o de sua vida a serviço de Cristo Ressuscitado, a serviço do Evangelho, um caminho a ser seguido por todos os cristãos... “Estou pronto... chegou a minha hora... combati o bom combate... terminei a corrida... conservei a fé... E agora aguardo o prêmio dos justos. O Senhor esteve comigo... a ele Glória...”¹⁸.

Jesus é apresentado para os hebreus como a resposta e o cumprimento de uma espera messiânica: a de um descendente de Davi, designado pela tradição como o “consagrado” por excelência; consagrado de modo eminente e singular com uma “unção”, assim como com uma unção, ficou marcado e santificado, ao longo dos séculos, a missão dos reis, dos sacerdotes e dos profetas. “Cristo” – título que logo é referido ao Ressuscitado – é a tradução grega da palavra “Messias”, que quer dizer “ungido”.

“Jesus é o Cristo”: esta fórmula entra na pregação apostólica ao lado da fórmula “Jesus é o Senhor”, que traz consigo todo o peso da promessa e de sua realização em Jesus de Nazaré.

¹⁷ Atos dos Apóstolos 18, 5

¹⁸ II Timóteo 4, 6-8.17-18

2.5 – COMO DEFINIR A PESSOA DE JESUS, O “CRISTO”

Como podemos ver, o centro do problema cristológico está aqui: Jesus é “um dos...” ou “o”? Ele pode ser catalogado como um entre tantos ou é um caso único? A sua entrada no mundo é um fato apenas importante, ou é um evento singular, decisivo, irrepetível? Esta é a questão. Ser “cristão” significa ter entendido que Jesus é “o”, que não há títulos adequados para ele, que ele é uma singularidade absoluta.

Consequência disso é a convicção de que também o nosso relacionamento com “Ele” não pode ter outras conotações que não seja a “unicidade”. O nosso conhecimento dele não pode ser o mesmo que para as outras coisas e as outras pessoas, mas é uma luz que vem do alto: “nem a carne, nem o sangue te revelaram isso, mas o meu Pai que está nos céus”¹⁹.

O reconhecimento do seu “Senhorio” não é a conclusão de um teorema, mas a docilidade ao Espírito Santo: “Ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor a não ser no Espírito Santo”²⁰ O nosso amor por ele não suporta comparações: *“Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim não é digno de mim. Quem ama seu filho mais que a mim não é digno de mim.”*²¹. Assim, a decisão de apostar nele toda nossa vida só pode ser total, absoluta, definitiva: *“Aquele que tentar salvar a sua vida irá perdê-la. Aquele que a perder, por minha causa, irá reencontrá-la.”*²²

¹⁹ Mateus 16, 17

²⁰ I Coríntios 12, 3

²¹ Mateus 10, 37

²² Mateus 10, 39

3 – CRISTO, CABEÇA DA IGREJA

Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado, que no céu ofereceu sempre ao Pai o seu sacrifício redentor, suscita a realidade da Igreja. Suscita-a derramando sobre o mundo o seu Espírito. Pentecostes não é apenas um episódio da história dos Apóstolos, é um evento permanente, que se manifestou de modo clamoroso, no quinquagésimo dia depois da ressurreição do Senhor, mas na sua natureza profunda nunca mais acaba de ser operante. Estamos continuamente diante do esplendor da riqueza divina, gerado pela presença do Senhor.

Assim nasce o prodígio da “sacralidade” e da “santidade” da Igreja. Em virtude do seu efeito “sagrado”: homens frágeis e pequenos asseguram, apesar de toda fragilidade humana, a permanência da missão visível de Cristo na sucessão apostólica, isto é, nos bispos através dos séculos, enquanto as dinastias da terra cedo ou tarde se extinguem; escritos humanos, ligados a uma determinada cultura, mesmo com as imperfeições e os limites da época, são feitos palavra de Deus e se nos oferecem como “Sagrada Escritura”; coisas simples e humildes, como a água, o óleo, o pão, o vinho, nos sacramentos, tornam-se sinais eficazes da presença real de Cristo e do seu sacrifício por nós.

A efusão do Espírito Santo, enviado pelo Cristo crucificado e ressuscitado, envolve também o mundo interior e invisível, as mentes, os corações, as consciências. E dá-lhes um efeito “santificante”.

O homem é animado de dons que o levam a entender a verdade divina, mesmo quando lhe parece árdua e distante; dons que o movem a vencer as tentações até então irresistíveis, a deixar um vício aparentemente invencível, a realizar um bem que se apresentava como inatingível.

Quem se entrega a esta força renovadora, a ponto de viver de fé e deixar-se inflamar pela caridade, torna-se templo do Espírito Santo e acolhe aquele Hóspede misterioso e operoso que nele habita como princípio da vida.

Estas são as maravilhas da graça: sob a ação do Espírito de Cristo, ela floresce secretamente no homem, que nascerá decaído, estragado, pecador.

Toda a “sacralidade”, toda a “santidade”, em virtude deste perene Pentecostes, constitui um milagre renovado na Igreja. Como podemos ver o homem, vivendo seriamente a vida cristã, torna-se “mais homem”, isto é, realiza em plenitude a sua original e indestrutível natureza de “imagem”, que quer tornar-se sempre mais “imagem e semelhança” do Criador²³.

A comunidade da época apostólica cantava alegremente esta verdade, ao mesmo tempo fundamental e sintética de todo o cristianismo, num hino transcrito por São Paulo: *“Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda a criatura; nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. Ele é, antes de tudo, e tudo nele subsiste. Ele é a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. Ele é o Princípio, o primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia, pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz”*²⁴

²³ Gênesis 1, 26

²⁴ Colossenses 1, 15-20

3.1 – PEDRO E PAULO: COLUNAS DA IGREJA

Jesus Cristo, Cabeça da Igreja, e depois dele, Pedro, discípulo, escolhido por Ele como o primeiro Papa e Paulo, o primeiro Missionário, que levou a Igreja ao mundo. Vale um destaque especial a estes Apóstolos:

São Pedro: Simão era um pescador de Betsaida, estabelecido em Cafarnaum. Cristo lhe muda o nome e o chama “Pedra, porque teria a missão de ser a “pedra fundamental” da futura comunidade que chamaria de Igreja. Simão Pedro é uma das primeiras testemunhas que vê o sepulcro vazio e merece uma aparição especial de Jesus ressuscitado. Depois da ascensão, ele toma a direção da comunidade cristã e é o primeiro a tomar consciência da necessidade de abrir a Igreja aos pagãos.

Essa missão espiritual não o livra das deficiências do seu temperamento. Paulo não hesita em contradizê-lo na famosa discussão de Antioquia, para convidá-lo a libertar-se das práticas judaicas. Quando Pedro vai a Roma torna-se o apóstolo de todos. Cumpre, então, plenamente, sua missão de “pedra angular”, reunindo num só edifício” os judeus e os pagãos e ratifica esta missão com seu sangue.

São Paulo chega a Jesus por um caminho diferente. Conhece-o como um adversário, que deve ser combatido, como aquele que anuncia um deus diferente dos mestres de Israel. Um dia no caminho de Damasco é iluminado por uma luz do alto e compreende que Jesus crucificado é o Messias de Deus. A partir daquele momento torna-se o Discípulo fiel e um ardoroso Missionário que percorre, em quatro ou cinco viagens, o mundo conhecido de então, pregando o Evangelho e fundando novas comunidades cristãs.

Na Igreja, Pedro e seus sucessores são os chefes visíveis. Cristo conferiu um poder e uma autoridade especial a eles. Eles deverão se constituir um sinal de unidade da comunidade

edificada por Cristo. “Aquele que preside à caridade” (cf. Irineu de Lion).

4 – ESPIRITUALIDADE DA ACOLHIDA

Nos últimos anos, a Igreja vem trabalhando, por meio de orientações pontuais, a temática da acolhida nas pastorais e comunidades cristãs em toda a Igreja do Brasil. Essa é uma tarefa urgente a ser realizada pelas comunidades, pastorais, grupos e movimentos da Igreja. Creio que para nossa Arquidiocese, este é um elemento essencial que vai nortear toda a ação evangelizadora, dos agentes leigos, do Clero e Vida Religiosa. Para melhor definir e caracterizar a importância da espiritualidade da acolhida vamos aprofundar o que dizem alguns documentos da Igreja do Brasil.

O doc. Nº 100 da CNBB nos fala que: *“Na comunidade, as pessoas são acolhidas, superando o anonimato, têm vínculo de pertença e se reúnem não apenas para questões religiosas, mas para crescer na vida como seguidoras de Jesus Cristo. O encontro eucarístico pode ser na igreja paroquial ou na capela que reúne as muitas comunidades numa única comunidade eucarística, sinal de unidade e comunhão.”*²⁵

O documento lembra a necessidade da acolhida e vida fraterna, ressaltando a importância da conversão pessoal e pastoral, superando tensões e dissensões: “Assim, as pessoas acolhem e oferecem o perdão, porque sabem que a comunidade é o lugar da reconciliação”²⁶.

Encontramos uma série de recomendações apontadas pelos bispos que ajudam na Espiritualidade da acolhida: *“Não será possível acolher os afastados se aqueles que estão na comunidade vivem se desencontrando”*. *“A missão que se impõe às*

²⁵ Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia – Doc. 100 da CNBB nº 256

²⁶ Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia – Doc. 100 da CNBB nº 257

comunidades paroquiais é rever o relacionamento humano que nelas se estabelece. A alegria, o perdão, o amor mútuo, o diálogo e a correção fraterna são apenas alguns indicativos para essa revisão. Não será possível acolher os afastados se aqueles que estão na comunidade vivem se desencontrando. Aliás, algumas comunidades não conseguem ser missionárias justamente porque vivem de forma tão apática ou conflituosa em suas relações que mais afastam do que atraem novos membros.”²⁷;

A comunidade pode se inspirar no relato de Tertuliano sobre os primeiros cristãos. Eles tomavam tão a sério as palavras do Senhor: *“Nisso todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”*²⁸ – que as outras pessoas e grupos afirmavam admirados: *“Vede como eles se amam!”* (cf. Tertuliano, Apolog., n. 39). Assim os cristãos, eram reconhecidos pelo amor fraterno, a amizade e a caridade²⁹.

A comunidade missionária, como qualquer pastoral, grupo e movimento, deve ser acolhedora em todas as circunstâncias, dentro e fora da Igreja. *“Acolher melhor é uma tarefa urgente. (...). É importante escutar atentamente a demanda de cada pessoa, (...). A secretaria da paróquia, da Catedral, da Basílica ou do Santuário é uma porta de entrada para a comunidade”*³⁰. Outro aspecto importante para todos nós é o que o documento destaca a seguir: *“Para acolher a todos é necessário receber cada pessoa na sua condição religiosa e humana sem colocar, de imediato, obstáculos doutrinários e morais para a sua chegada. Trata-se de uma atitude misericordiosa da Igreja. Durante o caminho da fé, a pessoa será orientada a uma conversão e conhecerá a doutrina*

²⁷ Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia – Doc. 100 da CNBB nº 259

²⁸ João 13, 35

²⁹ Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia – Doc. 100 da CNBB nº 260

³⁰ Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia – Doc. 100 da CNBB nº 262

e a moral cristãs, num processo gradual. Na pedagogia divina, o abraço materno da Igreja vem antes de tudo.”³¹

Temos ainda muitos outros documentos da Santa Sé, dos Papas e da Igreja, onde se destaca a importância de uma Espiritualidade da acolhida para o bom êxito na Evangelização. No Santuário Nacional de Aparecida do Norte, em São Paulo, adota-se o seguinte “slogan”: “Acolher bem, também é evangelizar”. Essa frase de impacto aparece em todos os locais por onde você peregrina em Aparecida: nos ônibus, vans, taxis, hotéis e nas fachadas de entrada e saída do Santuário... Tudo isso repercute de forma alegre e positiva nos visitantes, os quais se sentem bem acolhidos e amados pelas pessoas do local. Cabem aos párocos, coordenadores das comunidades, aos administradores das Igrejas, Basílicas e Santuários ficarem atentos para a dimensão da pastoral da acolhida em nossas igrejas.

5 – PERFIL DO AGENTE LEIGO

Partindo da Sagrada Escritura, “leigo” é sinônimo de cristão, fiel, santo, pertencente ao Povo de Deus, membro da Igreja que é por essência Povo de Deus, ou seja, “leiga”.

Na Igreja de Cristo todos somos irmãos, com diferentes ministérios *“Os dez outros, que haviam ouvido tudo, indignaram-se contra os dois irmãos. Jesus, porém, os chamou e lhes disse: “Sabeis que os chefes das nações as subjagam, e que os grandes as governam com autoridade. Não seja assim entre vós. Todo aquele que quiser tornar-se grande entre vós, se faça vosso servo. E o que quiser tornar-se entre vós o primeiro, se faça vosso escravo. Assim como o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por uma*

³¹ Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia – Doc. 100 da CNBB nº 266

multidão. ”³². O leigo participa, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo e exerce-a na condição que lhe é própria³³.

É ação específica dos leigos, por sua vocação própria e divina, procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e participar da missão da Igreja.

“O leigo é um homem da Igreja no coração do mundo e um homem do mundo no coração da Igreja”. Faz parte da vocação recebida no Batismo, ser eclesial, fiel a Cristo e comprometido com a dimensão temporal do Reino de Deus. “Assim, a presença ativa dos leigos nas realidades temporais assume toda a sua importância.

No entanto, é preciso não descurar ou não deixar no esquecimento outra dimensão: os leigos podem também sentir-se chamados ou vir a ser chamados para colaborar com os próprios Pastores ao serviço da comunidade eclesial, para o crescimento e a vida da mesma, pelo exercício dos ministérios muito diversificados, segundo a graça e os carismas que o Senhor houver por bem depositar neles.”³⁴

Como ser eclesial, o leigo, é profeta, que anuncia e denuncia. O profeta anuncia a permanência da Aliança e a promessa de Deus a seu povo, como Cristo anunciou os caminhos do Senhor e denunciou tudo aquilo que não correspondia aos Planos de Deus. Como Rei, o leigo serve o seu povo, a sua maneira, de acordo com os ensinamentos do Senhor que veio para servir e dar a vida por muitos. O leigo exerce sua missão régia pela prática da caridade, renúncia, vida de oração, vivência da Palavra. Anuncia Cristo pelo testemunho de vida, pela sua competência profissional, pela sua militância eclesial e política,

³² Conferir Mateus 20, 24-28 e Lucas 22, 24-27.

³³ Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

³⁴ Exortação Apostólica *Evangelli Nuntiandi*

pela sua honestidade e seu amor. Impregna o mundo com os valores cristãos de bondade, paz e misericórdia. O Concílio nos lembra que o leigo comunga do Sacerdócio Comum dos fiéis, é um membro da “ekklésia” em celebração litúrgica; é alguém que se consagra ao mundo e anuncia os valores cristãos e luta para que estes impregnem as estruturas de convivência social³⁵.

O leigo exerce sua missão régia pelo engajamento na sociedade, especialmente na política, que é expressão altíssima da caridade cristã, quando orientada para o bem comum (cf. Discurso do Papa Pio XII).

Por fim, perguntemo-nos, qual o perfil do agente leigo em nossas comunidades? É alguém comprometido com a dimensão eclesial e temporal do Reino de Deus. Enquanto eclesial, o leigo exerce os ministérios que lhes são próprios na Igreja por força do batismo. O Sacerdote ocupa-se mais intensamente do aspecto intra-eclesial, ao passo que o leigo atua, sobretudo, no meio social; isto é, no campo da política, da cultura, da arte, do turismo, da economia e das mais variadas profissões, a fim de impregnar as estruturas vigentes, em vista de uma sociedade e um mundo melhor.

6 – TRÊS ÍCONES DO CRISTIANISMO

Escolhemos três figuras fundamentais da Igreja que pelo seu perfil, iluminam nossa ação pastoral e missionária, são modelos de fé e amor a Igreja. São eles: Maria Mãe de Jesus, São Paulo Apóstolo e São Francisco Xavier.

³⁵ Constituição Dogmática Lumen Gentium 28

6.1 – MARIA DE NAZARÉ, MÃE DE JESUS

Maria é modelo perfeito para os agentes da Pastoral. Ela nos ensina o caminho da fé, a contemplação, o serviço humilde e a missão. Maria, desde toda a eternidade foi predestinada pela Santíssima Trindade para ser a Mãe de Jesus. Por isso foi adornada de todas as graças. Inegavelmente, a alma de Maria foi a mais bela que Deus criou. Depois da Encarnação do Verbo, foi esta a obra mais famosa e mais digna de si que o Onipotente levou a cabo neste mundo.

A graça de Maria no momento da concepção ultrapassou as graças de todos os santos e anjos juntos. Deus a chamou desde toda a eternidade. São Bernardo, afirma *que “não convinha que Deus tivesse outra Mãe como também não convinha que Maria tivesse outro Filho a não ser o próprio Deus.* Quando chegou a plenitude dos tempos, sob o olhar da Santíssima Trindade, a Virgem Maria recebeu a visita do Arcanjo Gabriel: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres”³⁶.

Na sua alma não há resistência, não há oposição, tudo está aberto à ação direta de Deus. Maria abre seu coração ao querer divino. Deus tinha preparado o seu coração cumulando-a de graças. Assim ela prestou imediatamente o seu pleno consentimento, abandonada ao Senhor: “Fiat nihi secundum verbum tuum”, “faça-se em mim segundo a tua palavra”³⁷.

Na Anunciação, Maria entregou-se a Deus completamente, manifestando a obediência da fé. Ela respondeu, pois, com todo o seu eu humano e feminino, à graça divina e à ação do Espírito Santo. Realiza-se então o que ela tinha meditado tantas vezes na intimidade do seu coração; mas é também o ponto de partida de todo o seu itinerário para Deus, de toda a sua caminhada de fé. A

³⁶ Lucas 1, 28

³⁷ Lucas 1, 38

fé de Maria tem como consequência a plena obediência aos planos de Deus.

Maria é a mestra da espiritualidade e da oração que nos ensina a descobrir Deus, tão perto de nossas vidas. Ela penetra no mundo interior, da graça, o tesouro escondido no coração humano. Assim ela compreendeu o mistério, na santidade e na união com Deus, ou como dizia Santo Ambrósio: *“Maria é nossa Mãe na ordem da Fé, da Caridade e da nossa União com Cristo”*³⁸

Maria é modelo de caridade, como podemos constatar na sua visita à prima Isabel, onde mais do que uma ajuda material, ela leva Jesus no seu seio, que se exprime na alegria do encontro, da oração e no serviço gratuito.

O Papa Francisco nos fala de Maria como a “estrela da Nova Evangelização”. Ele se dirige a Maria como a “estrela do Evangelho Vivente”. Francisco diz que Nossa Senhora é mulher de fé, por isso a sua excepcional peregrinação da fé constitui sempre um ponto de referência para toda a Igreja. A Virgem de Nazaré deixou-se conduzir pelo Espírito Santo, através de um itinerário de fé, numa vocação que se realizou no serviço e na fecundidade. “Fixemos nosso olhar em Maria, para que ela nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem evangelizadores eficazes”

“À Mãe do Evangelho vivente, pedimos a sua intercessão a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial. Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé, e «a sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja». Ela deixou-Se conduzir pelo Espírito, através dum itinerário de fé, rumo a uma destinação feita de serviço e

³⁸Escritos de Santo Ambrósio

fecundidade. Hoje fixamos n'Ela o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores. Nesta peregrinação evangelizadora, não faltam as fases de aridez, de ocultação e até de um certo cansaço, como as que viveu Maria nos anos de Nazaré enquanto Jesus crescia: «Este é o início do Evangelho, isto é, da boa nova, da jubilosa nova. Não é difícil, porém, perceber naquele início um particular aperto do coração, unido a uma espécie de “noite da fé” – para usar as palavras de São João da Cruz – como que um “véu” através do qual é forçoso aproximar-se do Invisível e viver na intimidade com o mistério. Foi deste modo efetivamente que Maria, durante muitos anos, permaneceu na intimidade com o mistério do seu Filho, e avançou no seu itinerário de fé.»³⁹

6.2 – SÃO PAULO APÓSTOLO

São Paulo Apóstolo faz parte dos principais símbolos do cristianismo. Ele é uma das grandes colunas que sustentam a fé e a missão da Igreja em todos os tempos, por isso, o escolhemos como modelo para nossa ação missionária.

Paulo é um judeu helenista de Tarso, na Cilícia, da tribo de Benjamin, do partido dos fariseus, cidadão romano de nascimento. De formação rabínica, antes de converter-se a Jesus, foi perseguidor dos cristãos. Depois de um retiro e de prolongada preparação, torna-se o Apóstolo dos pagãos. Realiza três grandes viagens missionárias. É preso em Jerusalém e, após dois anos de prisão em Cesareia, é levado para Roma. São atribuídas a ele como autênticas, sete cartas; 1 Tessalonicenses, Gálatas, 1 e 2 Coríntos, Romanos, Filipenses e Filemon. Essas cartas,

³⁹ Exortação Apostólica Evangelii Gaudium 287

juntamente com as demais do Novo Testamento, apresentam o rico panorama de sua vida, atividades, desafios, sucessos e projetos de Paulo Apóstolo.

Após sua conversão, tendo Cristo por eixo da sua vida, Paulo dedicar-se-á com todas as suas forças a espalhar a Boa Nova, anunciando o Cristo Ressuscitado, sem se importar com os perigos, as tribulações, os sofrimentos e os aparentes fracassos. Sabe-se instrumento escolhido para levar o Evangelho a muitas gentes: “Quando aprouve Àquele que me segregou desde o ventre de minha mãe, e me chamou pela sua graça, revelar em mim o seu Filho, para mostra-lo aos gentios...”⁴⁰.

Santo Agostinho afirma que o zelo apaixonado de Paulo anterior à sua conversão, era como uma selva impenetrável, mas, apesar de constituir um grande obstáculo, era ao mesmo tempo indício da fecundidade do solo. O Senhor semeou aí a semente do Evangelho, e os frutos foram inumeráveis (cf. Santo Agostinho, *Contra Fausto*, 22,70)

O Apóstolo diz expressamente aos primeiros cristãos de Éfeso: “*Escolheu-nos antes da constituição do mundo*”⁴¹. E concretiza ainda mais na Epístola a Timóteo: “Chamou-nos com vocação santa, não em virtude das nossas obras, mas em virtude do seu desígnio”⁴²

O que podemos aprender com São Paulo? Para um cristão que quer fazer da sua vida uma imitação de Cristo, a missão torna-se, portanto, parte de sua vida, ou melhor, a sua própria vida, como o foi para São Paulo. O trabalho converte-se em ocasião de Pastoral; e o mesmo acontece com a dor ou com o tempo de descanso... Esse cristão que participa da intimidade do Senhor experimenta a necessidade de comunicar o seu achado, “a

⁴⁰ Gálatas 1, 15-16

⁴¹ Isaías 49, 1-5

⁴² II Timóteo 1, 9

necessidade de expandir-se, de fazer, de dar, de falar, de transmitir aos outros o seu tesouro, o seu fogo (...). Sente-se a urgência de correr, de trabalhar, de promover de todas as maneiras possíveis a difusão do Reino de Deus, a salvação dos outros, de todos” (cf. Paulo VI, Homilia, 14-X-1968). “Ai de mim se não evangelizar!” *“Anunciar o Evangelho não é glória para mim; é uma obrigação que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!”*⁴³, exclama o Apóstolo.

São Paulo foi um Apóstolo plenamente identificado com Jesus Cristo. A suprema descoberta de sua vida foi que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em redenção de muitos”⁴⁴. Falando de sua identificação a Cristo disse: “não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”⁴⁵. Falando a Timóteo, Paulo o exortava a falar de Deus oportuna e inoportunamente⁴⁶, ou seja, também quando as circunstâncias fossem adversas.

Temos de imitar São Paulo, para tornar oportuna qualquer situação que se nos apresente em nossas atividades pastorais. Quando se chega a um trato verdadeiramente amistoso com uma pessoa, é absolutamente natural que mais cedo ou mais tarde lhe falemos de Deus.

Em Rm 15,24, por exemplo, manifesta o desejo de ir para a Espanha. A tradição atesta que ele morreu em Roma, durante a perseguição de Nero, onde foi sepultado, estando atualmente seus restos mortais na Basílica de São Paulo fora dos Muros. Sua personalidade e teologia são tão importantes que há quem fale de Paulo como de “fundador do Cristianismo”.

⁴³ I Coríntios 9, 16

⁴⁴ Mateus 20, 28

⁴⁵ Gálatas 2, 20

⁴⁶ I Coríntios 9, 9-22

6.3 – SÃO FRANCISCO XAVIER

A Igreja sempre se apoiou nos missionários para sua expansão no decorrer dos séculos. Primeiro foram os Apóstolos que se espalharam pelo mundo da Igreja primitiva, após a Ressurreição e Pentecostes. Durante os anos de 1500 a 1600, o cristianismo encontrou nos missionários da Companhia de Jesus, os Jesuítas, a forma de iniciar a evangelização nas Américas e no Oriente (Índia, Japão e China). Francisco Xavier (1506 – 1552), considerado o maior missionário Jesuíta, foi fundador dessas missões no Oriente. Nasceu na Espanha em 07/08/1506. Filho de família nobre matriculou-se na Universidade de Paris aos 18 anos. Francisco formou-se em Filosofia e lecionava na mesma Universidade onde conheceu um aluno mais velho e de ideias objetivas e tudo mudou em sua vida. Tratava-se do futuro Santo Inácio de Loyola – Fundador da Companhia de Jesus! Inácio de Loyola sonhava formar uma Companhia de Apóstolos para a defesa e propagação do cristianismo no mundo. Inácio viu em Francisco Xavier alguém capaz de ajudá-lo na empreitada e tentou prepara-lo para a causa. Não foi tarefa fácil devido ao orgulho e ambição de Francisco, por causa da herança cultural da família. Inácio de Loyola conseguiu tocar o coração de Xavier com uma frase do Evangelho: “– Xavier, de que vale a um homem ganhar o mundo inteiro se perder sua alma?”⁴⁷. A partir desse momento, os papéis se inverteram e Inácio passou a ser mestre de seu professor, ensinando-lhes o caminho da humildade e dos exercícios espirituais. Francisco Xavier preparou-se através dos estudos, foi ordenado, celebrou sua primeira missa com 31 anos e se tornou cofundador da Companhia de Jesus. Além dos trabalhos de evangelização, passou a cuidar dos doentes, recolhia-os da rua e os tratava. Mais tarde, D. João III, rei de Portugal, pediu a Inácio

⁴⁷ Marcos 8,36

de Loyola para organizar um grupo de Sacerdotes para Evangelizar as Índias. O grupo estava pronto e treinado, e um dos sacerdotes adoeceu e Francisco Xavier foi chamado e tomou o seu lugar. Nas Índias, Francisco ia de aldeia em aldeia, evangelizava os nativos, batizava as crianças e adultos. Formava comunidades e deixava um sacerdote para dar continuidade à missão. Saiu das Índias e foi ao Japão, realizando a mesma missão. Quando se dirigia à China, em 03 de dezembro de 1552, veio a falecer com 46 anos.

7 – EXORTAÇÃO APOSTÓLICA “EVANGELII GAUDIUM” – Alegria do Evangelho

A importância desta Exortação Apostólica se impõe, porque o Papa Francisco apresenta este seu documento como programático para toda a Igreja. De fato, já no primeiro parágrafo, o Papa diz que com esta Exortação quer “indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (n.1).

A Alegria

O Papa Francisco, logo no início e no próprio título do seu texto, revela perceber que a sociedade de hoje sofre de uma essencial falta de verdadeira alegria e vive numa noite preocupante, fenômeno este que também pode contagiar os cristãos, quando na verdade o Evangelho de Jesus Cristo sempre é fonte de autêntica alegria. Por isso, Francisco começa essa sua primeira Exortação Apostólica com uma afirmação fundamental, isto é, que o Evangelho de Jesus Cristo é fonte de alegria salvadora. “Do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento” bem presentes no mundo de hoje, são libertados “aqueles que se encontram com Jesus” (n.1). Perguntemo-nos logo: Até que ponto, nós, em nossas Comunidades, em nossas

atividades evangelizadoras experimentamos esta alegria e a transmitimos aos outros? Caso contrário, será que não deveríamos recomeçar segundo a indicação do Papa Francisco, isto é, nos (re)encontrando com o Senhor, com Jesus? Por certo, esta alegria santa não se conquista de uma vez para sempre, mas é um caminho em que devemos progredir e às vezes recomeçar, sem cansar, por toda a vida. São Paulo dizia aos cristãos de Filipos: *“Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos!”*⁴⁸ e aos Romanos disse: *“O Deus da esperança vos encha de toda a alegria e de toda a paz na vossa fé, para que pela virtude do Espírito Santo transbordeis de esperança!”*⁴⁹ No Evangelho de João, Jesus, na última ceia, reza ao Pai pelos discípulos e diz: *“Mas, agora, vou para junto de ti. Dirijo-te esta oração enquanto estou no mundo para que eles tenham a plenitude da minha alegria.”*⁵⁰ E em Atos dos Apóstolos se diz da comunidade dos primeiros cristãos: *“Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração”*⁵¹.

A alegria é tema recorrente nos Evangelhos, como a “*Evangelii Gaudium*” mostra no n.5. O Papa afirma que “o grande risco do mundo atual (...) é uma tristeza individualista” (n.2). Não diz: uma tristeza individual, mas individualista, isto é, que brota do individualismo. Há um extremado individualismo na cultura dominante atual. “Quando a vida interior fecha-se nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os

⁴⁸ Filipenses 4,4

⁴⁹ Romanos 15,13

⁵⁰ João 17,13

⁵¹ Atos dos Apóstolos 2,46

crentes” (n.2). Para ser libertado desta situação, Francisco indica o caminho: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daquele que se encontra com Jesus (...). Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (n.1).

O Papa afirma indiretamente que por vezes podemos estar com medo de encontrar o Senhor, porque pensamos que Ele nos rejeitará, nos condenará. Mas não! Não tenhamos medo, porque Ele “já nos aguardava de braços abertos”. “Aquele que nos convidou a perdoar ‘setenta vezes sete’⁵², dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete”(n.3). Diz Francisco: “Reconheço que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante, sermos infinitamente amados” (n.6). Aqui podemos abrir um parêntese para lembrar alguns Escritos de São Leonardo Murialdo, fundador da Congregação de São José que expressam muito bem esse pensamento do Papa Francisco:

“Deus me ama. É verdade! Deus me ama! Que alegria! Que consolação! Deus me ama com amor terno, pessoal, gratuito e misericordioso. Deus me ama. Deixemo-nos amar por Deus”.

“Eis o raciocínio lógico: Se Deus é amor, a sua vontade só busca o bem; se Deus é amor para mim, a sua vontade é meu bem; se acredito que Deus é amor, aceito e faço a sua vontade com segurança de estar aceitando o meu bem”.

“O amor de Deus gera em nós o zelo pela salvação dos irmãos. Agimos não por filantropia ou por razões sociológicas, mas para difundir o Reino de Cristo na terra. O amor de Deus nos anima a fazer muito e, sobretudo a fazer o bem em unidade de ação e amizade”.

⁵² Mateus 18,22

*“Um olhar de esperança e de amor em Deus me leva à paz. Ela sabe e vê aquilo que é necessário para o meu bem. Sou incapaz de ter para comigo amor maior e melhor do que Ele tem para mim. Como um bebê cuja mãe carrega nos braços e acaricia, ele me consola”*⁵³.

E continua Francisco: “Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e de autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de doa-lo aos outros?” (n.8). Essa última afirmação do Papa é fundamental quando diz que o saber-se amado por Deus é que dá sentido e alegria à nossa vida e nos impele a evangelizar o mundo.

Neste contexto o Papa, citando a *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI, afirma, com razão, que evangelizar produz “doce e reconfortante alegria” (n.9). Em consequência, diz ele: “Um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral” e logo acrescenta: “Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, ‘a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas (...)’ (n.10). Logo a seguir, Francisco afirma: “Um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora” (n.11).

Diz Francisco que Cristo “com sua novidade, pode sempre renovar nossa vida e nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que atravessasse períodos obscuros e fraquezas eclesiais (por

⁵³Escritos de São Leonardo Murialdo

exemplo, as recentes crises e escândalos na Igreja), nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos realizar, e surpreende-nos com sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda ação evangelizadora autêntica é sempre ‘nova’” (n.11).

Depois, ele nos lembra de duas coisas importantes quando partimos para a nova evangelização: a primeira é termos claro que o principal e primeiro agente da evangelização é Deus mesmo, com a força do seu Espírito. O primado é de Deus e não de nós; a segunda coisa é não pretender uma evangelização que fosse simplesmente uma ruptura com o passado da Igreja, um esquecimento de sua história viva, pois essa história “nos acolhe e nos impele para diante” (cf. n.12 e 13). Lembra-nos também que neste programa está incluída a Nova Evangelização, lançada já no início do pontificado de João Paulo II e assumida por Bento XVI. Esta Nova Evangelização, contudo, deve ter um caráter missionário, ou seja, levar a Igreja a “sair”. “A atividade missionária ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja” (n.15). Diz Francisco, citando o documento de Aparecida (DP): “não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos templos’, sendo necessário passar ‘de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária’” (n.15). Ele acrescenta que “não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo (...). Neste sentido, sinto necessidade de proceder a uma salutar ‘descentralização’” (n.16).

A transformação missionária da Igreja

A transformação missionária da Igreja é sem dúvida um dos objetivos maiores e mais empenhos deste nosso Papa. Francisco comenta o texto de Mt 28,19 ‘ide e fazei discípulos meus todos os povos’. Diz ele: “Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém; assim foi anunciada pelo anjo aos pastores de Belém: ‘Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo’ (Lc 2,10). O Apocalipse fala de ‘uma Boa Nova de valor eterno para anunciar aos habitantes da terra: a todas as nações, tribos, línguas e povos’” (n.23). É preciso sair e ir ao campo. Para nós, sempre custa levantar-nos e sair na direção dos outros. Preferimos que eles venham a nós. Mas não. Jesus diz que é preciso “ir”, “sair” em busca dos outros e alumiar o caminho deles com a luz do Evangelho.

Igreja em “saída”

Daí, Francisco fala de uma Igreja “em saída”, um cristão “em saída”, um padre “em saída”, um pároco “em saída”, um bispo “em saída”. Somos assim? Num outro contexto o Papa dizia em espanhol que devemos ser padres “callejeros” (de “calle”: rua), isto é, que andam nas ruas com o povo e não ficam acomodados em casa diante da televisão ou fascinados e presos a seus tablets. Isso não quer dizer que TV e tablet não possam servir a uma Igreja missionária.... Francisco nos mostra que na Bíblia “aparece constantemente este dinamismo de ‘saída’, que Deus quer provocar nos crentes,⁵⁴ (n.20).

⁵⁴ Conferir: Gênesis 12, 1-3; Êxodo 3,10; Êxodo 3,17; Jeremias 1,7.

A seguir o Papa afirma que a missão traz alegria ao missionário. Diz ele: “A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária. Experimentaram-na os setenta e dois discípulos que voltam da missão cheios de alegria,⁵⁵. Vive-a Jesus, que exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos” (n.21).

Num outro momento, falando a missionários, o Papa disse: “Evangelizem com amor, levando a todos o amor de Deus. Digam aos que encontrarem em seu caminho missionário, que Deus ama o homem, como ele é, com suas limitações, erros e pecados. Sejam mensageiros e testemunhas da infinita bondade e inesgotável misericórdia do Pai” (Discurso aos membros do Caminho Neo-Catecumenal, 01/01/2014, em Roma).

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa continua e diz que a Igreja, sendo missionária, tem uma especial, intimidade e comunhão com Jesus, “uma intimidade itinerante” e uma “comunhão essencialmente missionária” (cf. n.23).

Cinco passos no processo missionário

Primeirar (tomar a iniciativa): “A Igreja em saída” é a comunidade de discípulos missionários que toma a iniciativa (...). O Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1Jo 4), e por isso, ela sabe ir à frente, tomar a iniciativa sem medo, sair ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos (...).

Envolver-se: Jesus nos dá o exemplo de que devemos nos envolver com a missão. Ele “lavou os pés dos discípulos”. O Senhor envolve-Se e escolhe os seus, pondo-se de joelhos diante dos outros para lavá-los; mas, logo a seguir, diz aos discípulos:

⁵⁵ Lucas 10, 17

‘Sereis felizes se o puserdes em prática’ (Jo 13,17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. “Os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro das ovelhas’ e estas escutam a sua voz” (n.24). Jesus Cristo por certo se alegrará se notar que também nós, pastores, no fim do dia, estamos com cheiro de ovelha.

Acompanhar: o terceiro passo no processo missionário é “acompanhar”. As pessoas que forem evangelizadas precisam ser acolhidas numa comunidade. Precisam sentir-se em casa na comunidade. Precisam muitas vezes ser amparadas enquanto crescem na vivência da fé. A comunidade missionária deverá ter paciência, encorajá-los apesar das limitações que apresentam.

Frutificar: Na medida em que a comunidade é fiel ao mandato missionário do Senhor, ela dará fruto. A árvore boa dá frutos bons. A comunidade “cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio” (n.24).

Festejar: Como último passo, a Igreja missionária festeja a força libertadora e renovadora do Evangelho. “Celebra cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. (...). A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar” (n.24).

Conversão

Mas toda esta renovação missionária da Igreja, que o Papa quer promover, exige uma Pastoral em conversão. E por isso sublinha enfaticamente o seguinte: (...) “Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que

não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma simples ‘administração’. Constituíamo-nos em ‘estado permanente de missão’, em todas as regiões da terra” (n.25).

Num encontro com os bispos da Áustria, onde persiste uma descristianização, Francisco os convocou para esta missionariedade, dizendo: “Não devemos somente administrar o que está à disposição; pois, o campo de Deus deve ser trabalhado e cultivado (...). Ser Igreja não significa gerenciar o que temos, mas sair e ser missionários, levar aos homens a luz da fé e a alegria do Evangelho” (Discurso aos bispos austríacos Roma, 30/01/2014).

Reforma da Igreja

A esta altura, o Papa, citando o Concílio Vaticano II, fala da necessária e urgente reforma da Igreja, hoje: “A Igreja peregrina é chamada por Cristo a uma reforma perene. (...). A Igreja necessita perpetuamente desta reforma. (...). Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionando mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação (...), que a pastoral ordinária em todas as instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade” (n.27).

A Paróquia

Referindo-se à Paróquia, o Papa Francisco, diz que a mesma “esteja realmente em contato com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos. (...) É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão

beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário” (n.29).

A diocese

Também a diocese deve ser renovada e tornar-se missionária. “Ela é sujeito primário de evangelização” e por isso “chamada à conversão missionária” (n.30).

Os bispos

Referindo-se aos bispos, Francisco diz: “O Bispo deve favorecer sempre a comunhão missionária na sua Igreja diocesana (...). Para isso, às vezes por-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e, sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas” (n.31).

O Papado

Então, com grande humildade e simplicidade, o Papa afirma que também ele precisa pensar numa conversão do papado. E acentua a necessidade de descentralizar a Igreja (n.32). Depois faz um convite veemente: “Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades” (n.33).

A missão requer hoje reformas para ir ao essencial

Uma verdadeira transformação missionária da Igreja requer, hoje, reformas que tirem a Igreja de um demasiado aprisionamento em estruturas e formulações doutrinárias já ultrapassadas tanto no modo de viver a fé como no anúncio da

mensagem de Jesus Cristo. É o que Francisco propõe na “Evangelii Gaudium”.

A comunicação

Ele começa dizendo que a própria comunicação da fé no mundo das telecomunicações atuais acaba muitas vezes mutilando o que a fé nos diz sobre a matéria em pauta ou reduzindo-o a alguns de seus aspectos secundários. “Consequentemente, algumas questões que fazem parte da doutrina moral da Igreja ficam fora do contexto que lhes dá sentido” (n.34). Por exemplo, a imprensa só se interessa em divulgar que a Igreja é contra isso e contra aquilo, sem divulgar ao mesmo tempo as razões positivas por que a Igreja é contra. Assim, a Igreja é injustamente transformada numa instituição do “não” (n.34).

Lembra Francisco que já no Concílio Vaticano II ensinou que “existe uma ordem ou uma hierarquia das verdades da doutrina católica, já que o nexos delas com o fundamento da fé cristã são diferentes” (n.36). Nesta hierarquia o que sobressai é “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (n.36).

Os exegetas e teólogos

Em seguida, Francisco procura mostrar os limites humanos da nossa interpretação e compreensão da verdade do Evangelho, e diz: “A Igreja, que é discípula missionária, tem necessidade de crescer na interpretação da Palavra revelada e na sua compreensão da verdade. A tarefa dos exegetas e teólogos ajuda a ‘amadurecer o juízo da Igreja’. Embora de modo diferente, fazem-no também as outras ciências (...). A Igreja presta atenção às suas contribuições (...) que a ajudem no cumprimento da sua missão de Magistério” (n.40). O Papa diz que há normas ou preceitos

eclesiais que podem ter sido muito eficazes noutras épocas, mas já não têm a mesma força educativa como canais de vida. S. Tomás de Aquino sublinhava que os preceitos dados por Cristo e pelos Apóstolos ao povo de Deus ‘são pouquíssimos’. E, citando Santo Agostinho, observava que os preceitos adicionados posteriormente pela Igreja se devem exigir com moderação, ‘para não tornar pesada a vida aos fiéis’ nem transformar a nossa religião numa escravidão, quando ‘a misericórdia de Deus quis que fosse livre’ (n.43).

Uma Igreja misericordiosa

A Igreja missionária deve ser Igreja misericordiosa, que saiba acompanhar as pessoas que ainda são frágeis no caminho da fé. “Um coração missionário está consciente destas limitações, fazendo-se ‘fraco com os fracos (...) e tudo para todos’ (1Cor 9,22) (n.45). Francisco mostra querer uma Igreja que seja “uma mãe de coração aberto”, dizendo que a Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou à beira do caminho” (n.46). A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai (...) (n.47).

O Batismo e a Eucaristia

“Há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer. Isto vale, sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a

‘porta’: o Batismo. A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos (...). Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (n.47).

A quem a Igreja deveria privilegiar?

Enfim, neste capítulo que trata da transformação missionária da Igreja, Francisco aborda um último ponto, extremamente importante, a saber, os pobres, dos quais tratará também em outros capítulos. Aqui o Papa afirma que o dinamismo missionário deve chegar a todos, sem exceção. “Mas, a quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas, sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, ‘àqueles que não têm com que retribuir’ (Lc 14,14)” (n.48). Como nos organizar para chegar a todos, mas em primeiro lugar aos pobres das periferias geográficas e existenciais? (n.48)

A Igreja que o Papa quer

E o Papa termina esta exortação sobre as necessárias reformas hoje, afirmando: “Repito aqui para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro (...). Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação

da amizade de Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida”.

O anúncio do Evangelho

Na “*Evangelii Gaudium*”, o capítulo sobre o anúncio do Evangelho começa afirmando que este anúncio “é dever que incumbe sobre nós em toda e qualquer época e lugar” e que não há verdadeira evangelização “sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor e sem existir uma primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho de evangelização” (n.110).

Outra afirmação fundamental que o Papa enuncia é que o projeto de salvação é de iniciativa divina e não humana. “O princípio da primazia da graça deve ser um farol que ilumine constantemente nossas reflexões sobre a evangelização” (n.112), diz Francisco. E continua dizendo: “Esta salvação, que Deus realiza e a Igreja jubilosamente anuncia, é para todos”.

Às pessoas distantes de Deus...

A seguir, num impulso interior de seu coração missionário, Francisco se dirige diretamente às pessoas distantes de Deus: “Eu gostaria de dizer àqueles que se sentem longe de Deus e da Igreja, aos que têm medo ou aos indiferentes: o Senhor também te chama para seres parte de seu povo, e fá-lo com grande respeito e amor!” (n.113). O Papa sublinha que a Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (n.114).

Cultura e inculturação

Porque todos os povos e culturas são chamados a formar este povo de Deus, ele terá necessariamente “muitos rostos” (n.115). Por esta razão, a Igreja missionária deve assumir o

desafio específico da inculturação da fé (n.116). Nos primeiros séculos ela teve que se inculturar nas culturas grega e romana, enfim, Europeia. Hoje, com a globalização da sociedade humana, volta com toda a força à necessidade de uma inculturação multiforme, se a Igreja quiser realmente ser evangelizadora de todos os povos (n.118).

Sujeito da Missão: todo o batizado

Logo a seguir, Francisco fala do sujeito da missão. Quem deve evangelizar? E responde que é o povo de Deus em seu conjunto que recebeu esta missão e, portanto, todos os batizados devem ser missionários, pois “em todos os batizados, desde o primeiro até o último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelização. O povo de Deus é santo em virtude desta unção que o torna infalível ‘in credendo’, ou seja, ao crer (...). Deus dota a totalidade dos fiéis com um instinto de fé – o *magisterii fidei* – que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus” (n.119).

Esta doutrina do “*magisterii fidei*” do povo de Deus é assim reafirmada por este Papa, que quer concretamente ouvir o povo de Deus sobre assuntos de fé e moral e a formulação concreta do anúncio missionário à sociedade de hoje. E continua afirmando que a nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. (...) Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus (...). “Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos de Jesus, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: ‘Encontramos o Messias’,⁵⁶ (n.120).

⁵⁶ João 1, 41

Metodologia da missão

Na multiforme metodologia missionária, Francisco destaca a evangelização de pessoa a pessoa: “Visto que hoje a Igreja deseja viver uma profunda renovação missionária, há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos” (n.127). E então, certamente ainda lembrando da Conferência de Aparecida, Francisco aponta três etapas na visita missionária domiciliar: primeiro um diálogo pessoal, no qual se ouve as pessoas da casa: depois, leitura da Palavra de Deus e sua aplicação à vida concreta destas pessoas; e, por fim, uma breve oração conclusiva” (n.128). O anúncio do Evangelho se realiza de modo mais solene e cultural na liturgia. A liturgia e, de modo destacado, a celebração da Eucaristia, estão no centro da atividade missionária da Igreja. Tudo leva à Eucaristia e da Eucaristia a comunidade parte de novo para a missão.

A Homilia

O Papa Francisco nos alerta, por isso, para um momento especial, a saber, a homilia, dizendo: “Vou deter-me particularmente, e até com certa meticulosidade, na homilia e sua preparação, porque são muitas as reclamações relacionadas com este ministério importante. A homilia é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo” (n.135). Por isso diz o Papa: “Renovemos a nossa confiança na pregação, que se funda na convicção de que é Deus que deseja alcançar os outros através do pregador e de que Ele mostra o seu poder através da palavra humana” (n.136). “Quem quiser pregar, deve primeiro estar disposto a deixar-se tocar pela palavra e fazê-la carne na sua vida concreta” (n.150). Outra exortação muito oportuna do Papa é a seguinte: “O

pregador deve também pôr-se a escuta do povo, para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir. Um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo. Desta forma, descobre ‘as aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar, de amar, de encarar a vida e o mundo, que caracterizam este ou aquele aglomerado humano’, prestando atenção ‘ao povo concreto com os seus sinais e símbolos e respondendo aos problemas que apresenta’ (n.154).

A centralidade do Querigma

Além da homilia, o Papa também aponta para a catequese, que deve ser querigmática e mistagógica. Querigmática no sentido de que o querigma tem de estar sempre presente na formação catequética dos cristãos: “A centralidade do querigma requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, (...) que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não se reduza a pregação de poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acompanhamento cordial que não condena” (n.165).

A centralidade da Palavra de Deus

Isso tudo mostra como o missionário (a) deve fazer da Palavra de Deus o grande centro de sua evangelização. Em consequência, deve sempre crescer no conhecimento e na vivência pessoal e comunitária da Palavra divina. Pois, diz Francisco: “Toda a evangelização está fundada sobre esta palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada (*Lectio Divina*). A Sagrada Escritura é fonte de Evangelização (...). O estudo da Sagrada Escritura deve ser uma porta aberta para todos

os crentes. É fundamental que a Palavra revelada fecunde radicalmente a catequese e todos os esforços para transmitir a fé. A evangelização requer a familiaridade com a Palavra de Deus” (n.174 e 175)

Responsabilidade dos Leigos

O Papa sublinha a necessidade de fazer crescer a responsabilidade dos leigos, mantidos “à margem nas decisões” por um “excessivo clericalismo” (n.102). Afirma que “ainda há necessidade de se ampliar o espaço para uma presença feminina mais incisiva na Igreja”, em particular “nos diferentes lugares onde são tomadas as decisões importantes” (n.103). “As reivindicações dos direitos legítimos das mulheres... não se podem sobrevoar superficialmente” (n.104). Os jovens devem ter “um maior protagonismo” (n.106). Diante da escassez de vocações em alguns lugares o Papa afirma que “não se podem encher os seminários baseados em qualquer tipo de motivação” (n.107).

Abordando o tema da inculturação, o Papa lembra que “o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural” e que o rosto da Igreja é “multiforme” (n.116). “Não podemos esperar que todos os povos... para expressar a fé cristã, tenham de imitar as modalidades adotadas pelos povos Europeus num determinado momento da história” (n.118). O Papa reitera “a força evangelizadora da piedade popular” (n.122) e incentiva a pesquisa dos teólogos convidando-os a ter “a peito a finalidade evangelizadora da Igreja” e a não se contentar “com uma teologia de escritório” (n.133).

Desafios do mundo contemporâneo

Falando dos desafios do mundo contemporâneo, o Papa denuncia o atual sistema econômico: “é injusto pela raiz” (n.59).

“Esta economia mata” porque prevalece a “lei do mais forte”. A atual cultura do “descartável” criou “algo novo”: “os excluídos não são “explorados”, mas “lixo”, “sobras”” (n.53). Vivemos uma “nova tirania invisível, por vezes virtual” de um “mercado divinizado”, onde reina a “especulação financeira”, “corrupção ramificada”, “evasão fiscal egoísta” (n.56). A família – continua o Papa – “atravessa uma crise cultural profunda”. Reafirmando “a contribuição indispensável do matrimônio para a sociedade” (n.66), sublinha que o individualismo promove um estilo de vida (...) que perverte os vínculos familiares” (n.67).

O Papa Francisco reafirma “a íntima conexão entre evangelização e promoção humana” (n.178) e o direito dos Pastores “para emitir opiniões sobre tudo o que se relaciona com a vida das pessoas” (n.182). “Ninguém pode exigir de nós que releguemos a religião à secreta intimidade das pessoas, sem qualquer influência na vida social”.

Cita João Paulo II onde diz que a Igreja “não pode nem deve ficar à margem da luta pela justiça” (n.183). “Para a Igreja, a opção pelos pobres é uma categoria teológica” antes de ser sociológica. “Por isso peço uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito a ensinar-nos” (n.198). “Até que não se resolvam radicalmente os problemas dos pobres (...) não se resolverão os problemas do mundo” (n.202). “A política, tanto denunciada” – diz ele – “é uma das formas mais preciosas de caridade”. “Rezo ao Senhor para que nos dê mais políticos que tenham verdadeiramente a peito (...) a vida dos pobres! Em seguida, um aviso: “qualquer comunidade dentro da Igreja” que se esquece dos pobres corre “o risco de dissolução” (207).

A Paz

No que diz respeito ao tema da paz, o Papa afirma que “é necessária uma voz profética” quando se quer programar uma

falsa reconciliação “que mantém calados” os pobres, enquanto alguns “não querem renunciar aos seus privilégios” (n.218). Para a construção de uma sociedade “em paz, justiça e fraternidade”, indica quatro princípios (n.221): “o tempo é superior ao espaço” (n.222), significa “trabalhar em longo prazo, sem a obsessão dos resultados imediatos” (n.223). “A unidade prevalece sobre o conflito” (n.226), significa operar para que os opostos atinjam “uma unidade multifacetada que gera nova vida” (n.228). “A realidade é mais importante que a ideia” (n.231), significa evitar que a política e a fé sejam reduzidas à retórica (n.232). “O todo “é maior que a parte” significa colocar em conjunto globalização e localização” (n.234).

O Diálogo

“A evangelização – prossegue o Papa – também implica um caminho de diálogo”, que abre a Igreja para colaborar com todas as realidades políticas, sociais, religiosas e culturais (n.238). O ecumenismo é “uma via imprescindível da evangelização”. Importante o enriquecimento recíproco: “quantas coisas podemos aprender uns dos outros (...).

O Espírito Santo

O último capítulo é dedicado aos “evangelizadores com o Espírito”, que são aqueles “que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo”, que “infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (parresia), em voz alta e em todo tempo e lugar, mesmo contra a corrente” (n.259). Trata-se de “evangelizadores que rezam e trabalham” (n.262), na certeza de que “a missão é uma paixão por Jesus, mas ao mesmo tempo, é uma paixão pelo seu povo” (n.268). “Na nossa relação com o mundo – esclarece o Papa – somos convidados a dar a razão da nossa esperança, mas não como inimigos que apontam o dedo e

condenam” (n.271). “Pode ser missionário – acrescenta ele – apenas quem se sente bem na busca do bem do próximo, quem deseja a felicidade dos outros” (n.272).

O Papa convida-nos a não desanimar perante as falhas ou escassos resultados, porque a “fecundidade muitas vezes é invisível, indescritível, não pode ser contabilizada”; devemos saber “apenas que o dom de nós mesmos é necessário” (n.279). A Exortação termina com uma oração a Maria, “Mãe da Evangelização”.

8 – EXORTAÇÃO APOSTÓLICA “QUERIDA AMAZÔNIA” (RESUMO: PE. ANTONIO MATTIUZ)

1. A Exortação ‘Amazônia Querida’ apresenta aos olhos do mundo o seu drama e o seu mistério.
3. Nesta Exortação, não citei o ‘*Instrumento de Trabalho*’, mas convido a lê-lo e valorizá-lo.
5. Dirijo esta Exortação ao mundo inteiro para ajudar a despertar a estima e solicitude por esta terra.
7. Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade seja promovida. Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural e humana que a caracteriza e com comunidades cristãs de traços amazônicos.

Capítulo I

Um Sonho Social

8. Sonho com uma Amazônia que integre e promova todos os seus habitantes, para o «bem viver».
9. Os interesses que cortam a madeira e a indústria mineradora, provocam um clamor que brada ao céu.

11. Lembremos uma das vozes ouvidas: «Nós estamos sendo afetados pelos madeireiros, por criadores de gado e por outros. Nós somos uma região de territórios roubados».

12. Muitos dramas têm a ver com uma falsa «mística amazônica». Ela é apresentada como um grande vazio que deve ser preenchido, e como uma riqueza em estado bruto que se deve explorada.

13. Os povos nativos se sentem impotentes para conter a destruição do ambiente natural que sempre conservaram, e que lhes dava a identidade e o sentido de viver.

14. A exploração econômica danifica a Amazônia e viola o direito dos povos nativos. Isto é um crime.

15. Ela deixa um rasto de devastação e de morte por toda a nossa região, fragiliza o meio ambiente e coloca em perigo a vida de milhões de pessoas, especialmente de indígenas e de camponeses.

18. Muitos missionários chegaram junto aos mais desprotegidos da Amazônia com o Evangelho, deixando os seus países e aceitando uma vida austera e desafiadora.

19. Também hoje, a Igreja é chamada a ouvir os clamores dos povos amazônicos.

23. Na Encíclica ‘Laudato Sí’, lembra-nos que tudo está relacionado e tem consequências no ambiente.

24. O ‘*Instrumentum Laboris*’ do Sínodo fala de cultura venenosa e de um verdadeiro flagelo moral.

Capítulo II

Um Sonho Cultural

28. O objetivo é promover a Amazônia e não a colonizar culturalmente do jeito ‘do homem civilizado’.

29. Na Amazônia vivem muitos povos e nacionalidades. Mais de 10% de povos indígenas vivem num isolamento voluntário para fugir de serem destruídos, e nós os consideramos «selvagens não-

civilizados» pelo simples fato de terem culturas diferentes da nossa.

30. Hoje muitos são obrigados a ocupar as periferias ou calçadas das cidades em situação de miséria.

31. Cada povo possui a sua própria identidade cultural e uma riqueza única num universo multicultural.

32. Devemos evitar generalizações injustas, discursos simplistas e conclusões da nossa mentalidade.

36. As etnias indígenas desenvolveram um tesouro cultural em sintonia com a natureza e com forte sentido comunitário, que nós perdemos em nosso suposto progresso social (*egoísmo e individualismo*).

39. Diante duma invasão colonizadora maciça dos meios de comunicação, é necessário promover para os povos nativos «comunicações alternativas com suas próprias línguas e culturas».

Capítulo III

Um Sonho Ecológico

41. O Senhor Deus, que primeiro cuida de nós, ensina-nos a cuidar dos nossos irmãos e irmãs e do meio ambiente que ele nos deu para cuidar, proteger, cultivar e não para destruir (Jardim do Éden).

42. A floresta não é um recurso para explorar, mas é um dos seres com os quais nos relacionarmos.

43. Na Amazônia, a água é a rainha; rios e córregos lembram veias: toda a forma de vida brota dela.

44. A água encanta no grande Amazonas, que abraça e vivifica tudo ao seu redor.

47. Na Amazônia há enorme riqueza de vida e tanta beleza. Mas há também os perigos que a ameaçam.

48. O equilíbrio do planeta terra depende da natureza. Mas o interesse de alguns gananciosos se coloca acima do bem da Amazônia e do bem da humanidade inteira.

49. A água que é essencial para a vida, está sendo poluída e envenenada cada vez mais.

51. Para cuidar da Amazônia é bom conjugar a sabedoria ancestral com os conhecimentos técnicos, procurando sempre intervir de forma sustentável, preservando o estilo de vida e seus valores.

52. O grito da Amazônia ao Criador é semelhante ao grito do Povo de Deus no Egito (Ex 3, 7).

53. Às vezes deixamos que a nossa consciência se torne insensível e indiferente com esse grito.

54. Quero lembrar que cada uma das diferentes espécies da biodiversidade tem valor em si mesmo.

55. Podemos aprender dos povos nativos a amar e a contemplar a Amazônia, e não colonizá-la.

57. Deus Pai, que criou o universo, com infinito amor, chama-nos a escutar o grito da Amazônia.

Capítulo IV

Um Sonho Eclesial

61. A Igreja é chamada a caminhar com os povos da Amazônia e anunciar-lhes o Evangelho de Cristo.

64. Os povos nativos têm direito ao anúncio do Evangelho, sobretudo do querigma, o primeiro anúncio.

65. O querigma e o amor fraterno são a grande síntese do Evangelho a serem propostos na Amazônia.

67. João Paulo II ensina que a Igreja, ao apresentar o Evangelho, respeita a autonomia da cultura indígena. A fé seja inserida na sua cultura (*inculturada*) para ser vivida no dia a dia.

68. A graça supõe a cultura; o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe.

69. Há o risco de evangelizadores chegarem a um lugar e julgar que devem comunicar não só o Evangelho, mas também impor a cultura em que cresceram. É necessário aceitar a novidade do Espírito que é capaz de criar sempre algo de novo com o tesouro de Jesus Cristo.

70. A Igreja precisa escutar a sabedoria dos ancestrais para uma renovada inculturação do Evangelho.

71. Os povos aborígenes podem nos ajudar a descobrir o que é uma sobriedade feliz. Nisto eles têm muito a nos ensinar, pois eles sabem ser felizes com pouco, sabem gozar dos dons de Deus sem acumular tantas coisas, não destroem sem necessidade, preservam os ecossistemas... Isto deve ser muito valorizado.

72. Precisamos apreciar a sua sabedoria e deixar-nos «reeducar» quanto ao consumismo e o isolamento.

73. Precisamos apreciar a espiritualidade indígena da interconexão e interdependência de todos os seres criados, bem como a relação do cosmos com o Deus criador.

74. A relação com Cristo libertador e redentor não é inimiga desta visão do mundo marcadamente cósmica, que caracteriza os povos indígenas.

75. Com esse fim, é sumamente importante uma adequada formação dos agentes pastorais da Igreja.

78. O processo de inculturação exige um amor cheio de respeito e de compreensão ao povo aborígene. Não se pode qualificar como superstição ou paganismo certas expressões religiosas da vida desses povos.

80. A pior coisa seria afastá-los de Cristo, apresentando-o como um inimigo da alegria deles.

81. A inculturação da fé cristã na cultura dos povos nativos encontra nos Sacramentos um caminho particularmente valioso, porque neles se une o divino e o cósmico, a graça e a criação.

82. O Concílio Vaticano II solicitou esse esforço de inculturação da liturgia nos povos indígenas. Mas já passaram mais de cinquenta anos e pouco se avançou nesta linha.

83. No domingo, as celebrações e a espiritualidade cristã deveriam ajuda-los a viver a experiência da liturgia dominical e nela encontrar a luz da Palavra que ilumina a vida e a Eucaristia que nutre a fé cristã.

84. Os Sacramentos comunicam o Deus que vem curar e fortalecer seus filhos. Por isso, os Sacramentos devem ser acessíveis, sobretudo aos pobres, e nunca devem ser negados por razões de dinheiro.

85. A pastoral da Igreja tem uma presença precária na Amazônia em vista da imensa extensão territorial, de muitos lugares de difícil acesso e da grande diversidade cultural. Não podemos ficar indiferentes, mas buscar uma resposta corajosa e eficaz.

86. É preciso conseguir maior frequência à celebração da Eucaristia nas comunidades mais remotas.

87. Para isto, é importante determinar o que é específico do sacerdote que não se pode delegar. A resposta está no sacramento da Ordem que o configura o sacerdote a Cristo. Só o sacerdote está habilitado para presidir a Eucaristia. Esta é a sua função principal e não delegável.

88. O sacerdote é o sinal de Cristo Cabeça que derrama a graça quando celebra a Eucaristia, que é fonte e cume de toda a vida cristã. Este é o seu grande poder que só pode ser recebido no sacramento da Ordem.

89. Na Amazônia, especialmente nas suas florestas e lugares mais remotos, é preciso encontrar um modo para assegurar este ministério sacerdotal. Os leigos precisam da Eucaristia, porque ela «faz a Igreja».

90. Esta premente necessidade leva-me a exortar todos os bispos a serem mais generosos, levando aqueles que demonstram

vocação missionária a optarem pela Amazônia. Para isto, é oportuno rever a fundo a estrutura e o conteúdo da formação inicial e permanente dos presbíteros.

95. A vida consagrada ocupa um lugar especial na Igreja Amazônia.

100. É preciso alargar o horizonte para não reduzir a Igreja a meras estruturas funcionais. Tal reducionismo nos levaria a pensar que só se daria às mulheres um status e uma participação maior na Igreja se lhes fosse concedido o acesso à Ordem sacra. Mas isto só levaria a clericalizar as mulheres.

101. As mulheres prestam enorme contribuição à Igreja. Sem as mulheres a Igreja desmorona.

103. Na Igreja, as mulheres deveriam ter acesso a funções e serviços eclesiais que não requeiram a Ordem sacra, mas que impliquem estabilidade, reconhecimento público e o envio por parte do bispo.

105. A Amazônia nos desafia a superar perspectivas limitadas e enclausuradas para buscar caminhos mais amplos e mais ousados de inculturação.

106. Numa Amazônia plurirreligiosa, os crentes precisam dialogar e atuar juntos pelo bem comum e pela promoção dos mais pobres, pois o Espírito Santo pode agir na diversidade e nos enriquecer com a sua luz.

107. Sabemos que Jesus é o único Redentor do mundo, mas cultivamos profunda devoção à sua Mãe. Sabemos que isto não acontece em todas as confissões cristãs. Mesmo assim, sentimos o dever de comunicar à Amazônia a riqueza do amor materno de Maria, do qual nós nos sentimos depositários.

9 – SOMOS ELEITOS E ENVIADOS EM MISSÃO

A essa altura de nossa reflexão, cabe uma reflexão sobre nossa eleição e missão na Igreja. Vamos partir de uma passagem do Evangelho de São Mateus: “... Vendo Jesus as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não tem pastor: Então disse aos discípulos: A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois ao dono da messe que envie trabalhadores para a sua colheita! Jesus chamou os doze discípulos e deu-lhes poder para expulsarem os espíritos maus e para curarem todo tipo de doença e enfermidade”⁵⁷.

Aqui o Evangelho de Mateus nos apresenta um Jesus que tem compaixão do povo, porque esse povo estava abandonado; não tinha quem o guiasse. Então Ele escolheu os doze para que pudessem estar perto das pessoas para ajuda-las, ensiná-las, curá-las e libertá-las. E ele os chamou de Apóstolos, isto é, enviados por Deus; com os poderes Dele, para beneficiar todo mundo, e nesse Colégio Apostólico, tem uma pessoa que se destaca, é uma pessoa que todo mundo conhece: é o Pedro. Mateus diz, é o primeiro, e depois não fala o segundo, o terceiro e assim por diante; evidentemente, que Pedro foi escolhido como o chefe do grupo, o porta voz de toda a comunidade dos Apóstolos. Constituído esse grupo, parte para a missão. A missão em favor dos outros, mas não para eles se beneficiarem, mas para ajudarem os outros. Portanto a Igreja de Jesus não é voltada para si mesma, mas para ir ao encontro de todo o mundo. Uma Igreja em caminho, que não pode estar parada, isto é, missionária. O Papa Francisco na Exortação Apostólica Alegria do Evangelho, nos diz, a propósito: “Que a Igreja hoje, saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem

⁵⁷ Mateus 9, 37-38

demora, sem repugnância, sem medo. A Igreja em saída, por meio da comunhão de discípulos missionários, isto é, que se envolve e acompanham que frutificam e festejam. Diz o Papa Francisco: “Primeireiam”, ou seja, tomam a iniciativa.

A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor, por isso sabe tomar as iniciativas, vai à frente sem medo. Vai ao encontro procurando os afastados, nas encruzilhadas dos caminhos da vida para convidar os excluídos. Espero, diz o Papa Francisco, que todas as comunidades, se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pessoal, pastoral e missionária. O missionário não pode deixar as coisas como estão, deixando-as erradas. Nesse momento não nos serve apenas uma simples administração, portanto, a Igreja deve estar cheia de compaixão, que compreende os sofrimentos da humanidade, que protege, que consola, tornando-se luz para a busca de Deus que nos ama. Assim sendo, as comunidades que formam a Igreja, não se preocupem demais com as burocracias institucionais, as exterioridades, as formalidades, mas devem querer estar próximas de todas as pessoas, especialmente das que mais sofrem e precisam da escuta, da presença e ação da Igreja. Que sejam comunidades que priorizam testemunhar a grande obra do Mestre Jesus Cristo. (Cf. EG n°s 1, 10, 18, 20, 23, 24, 25, 43...)

Por que Jesus escolheu doze? Esse número tem um significado simbólico, antigo, vem de longe. O número doze forma os filhos de Jacó, que foram no Egito, no tempo da carestia, de onde se formaram as doze tribos de Israel, outro nome à figura de Jacó. Eles entram no Egito em forma de família patriarcal e saem depois de uma centena de anos, como um grande povo (cf. Ex 16-30)⁵⁸. Na criação do grupo dos Apóstolos, Jesus quis assim

⁵⁸ Êxodo 16, 30

dar início a um novo Povo de Deus, que é a Igreja. Além disso, encontramos no Apocalipse, a descrição da cidade Santa: a Nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, símbolo da Igreja, a cidade é cercada por um grande e alto muro, com doze portas, e este muro se sustenta em doze alicerces, sobre os quais estão os nomes dos doze Apóstolos⁵⁹.

Desejo que a Arquidiocese de Santarém, por meio do pastoreio de seu arcebispo, Clero, Vida Religiosa, leigos(as); servindo-se das paróquias, áreas pastorais, comunidades, grupos, serviços e movimentos; mantenham sempre aceso, o ardor missionário, priorizando os afastados e dando uma atenção aos que mais necessitam de nossa compaixão, presença, cuidado e amor.

10 – CONCLUSÕES DA “CARTA PASTORAL” E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Considerando o primeiro ano de atividades episcopais na Arquidiocese de Santarém, apresento algumas considerações referentes àquilo que pude constatar até o presente momento nesta Igreja Particular.

Em primeiro lugar, quero enfatizar que a criação da Arquidiocese de Santarém pelo Papa Francisco e também minha nomeação para Arcebispo renderam muitas expectativas e motivou a população católica a renovar suas esperanças, fato que me deixou muito feliz. Desde minha chegada à Santarém, experimentei muito calor humano, carinho, dedicação, empenho por parte de todos, especialmente do Clero, Vida Religiosa e Leigos (as)!

⁵⁹ Apocalipse 21, 2-4

Tive a oportunidade, de realizar até o momento algumas visitas à maioria das Paróquias, Áreas Pastorais da Cidade de Santarém e também do interior. Impressionou-me as dimensões dessa Arquidiocese: são mais de 150.000Km², (cf. dados do IBGE, 2010) sete cidades, muitas vilas (pequenos povoados), com 12 regiões pastorais, 25 paróquias, 19 áreas pastorais e mais de 830 Comunidades, de acordo com as últimas estatísticas. Sinto-me verdadeiramente pequeno diante de tamanhas dimensões territoriais, mas confio no Espírito Santo, na proteção de Nossa Senhora da Conceição; na comunhão e unidade do Clero, Vida Religiosa e Lideranças Leigas para um trabalho em conjunto.

Minha primeira ação após a criação da Arquidiocese e posse foi a pregação do Retiro do Clero, onde pude escutar a muitos e dialogar com o Clero. Para mim foi proveitoso esse Retiro! Temos bons padres, Religiosos (as), Leigos (as), muito dedicados na evangelização e nas obras de caridade. Proponho-me a trabalhar em favor de uma maior comunhão e unidade do clero Diocesano com a ajuda da Pastoral Presbiteral, que precisamos incrementar com uma equipe mais ampla. Há boa vontade e disposição de todos em fazer o melhor pela Igreja de Santarém, agora constituída como Província Eclesiástica.

Apresento a seguir algumas perspectivas para a Nova Arquidiocese de Santarém, que, a meu ver, podem ser planejadas e implementadas de agora em diante, com a ajuda de todos:

1º) Implantação da Fazenda Esperança, que visa resgatar e curar jovens e adultos em situação de drogadição: Já temos o doador do terreno;

2º) Trazer para Santarém a “Comunidade Missão Belém”, que visa resgatar e evangelizar, moradores de rua, devolvendo-os à suas famílias e sociedade;

3º) Garantir o andamento da Escola de Diaconato Permanente na Arquidiocese. O Curso funcionará na Escola São Francisco, a partir do ano de 2021;

4º) Continuar o Plano de Pastoral e os devidos encaminhamentos, para a Assembleia Geral do Povo de Deus para reorganizar a Pastoral Arquidiocesana. Diante da pandemia do Coronavírus, que nos levou a paralisação de várias atividades, apresentei ao Conselho Presbiteral a proposta de realizarmos a Assembleia durante o ano de 2022. Recebi parecer favorável, por unanimidade. A inspiração para o tema e a metodologia seguirá a do Sínodo: O texto base será: “Querida Amazônia” do Papa Francisco e as Diretrizes da CNBB.

5º) Ampliação da presença da Igreja nas cidades, com abertura de novas Comunidades e Áreas Pastorais, principalmente nas periferias;

6º) Reorganização da presença da Igreja no interior da Arquidiocese de Santarém, quanto aos aspectos da presença de padres, Religiosos(as), formação dos leigos, catequese e ministérios diversos. Constatei que podemos melhorar quanto à formação de lideranças, celebrações da Palavra e ação missionária;

7º) Atenção e investimento maior na Animação Vocacional com a implantação do Projeto: “Cada Comunidade, uma vocação”, envolvendo os ministros.

8º) O Seminário São Pio X, continue sendo o Centro de formação para o Propedêutico de nossa Arquidiocese e do Curso de Filosofia da Nova Província, com o envolvimento dos bispos da Região;

9º) Reforma do Diretório, adaptando-o a nova condição da Arquidiocese de Santarém;

10º) Reorganização da Cúria Arquidiocesana de Santarém e do Centro de Pastoral, quanto aos aspectos funcionais, canônicos, regimentais, estatutários.

11º) Concretizar a implantação da Catequese de Iniciação à Vida Cristã de Inspiração Catecumenal, em toda a Arquidiocese;

12º) Implantar a Pastoral do Turismo, a Pastoral Indígena e a Pastoral Afro na Arquidiocese de Santarém.

13º) Redistribuir as funções do Clero para o bom funcionamento e acompanhamento de todos os grupos no âmbito da Evangelização e pastorais Sociais.

14º) Considerando a Exortação Apostólica “Querida Amazônia” do Papa Francisco daremos uma atenção maior às comunidades indígenas, quilombolas, assentados e ribeirinhos no interior da Arquidiocese.

15º) Reorganizar a Comissão de Bens Culturais da Arquidiocese.

Existem ainda outros aspectos a serem considerados que serão elencados mais adiante, no decorrer de nossas atividades Arquidiocesanas.

11 – FONTES BIBLIOGRÁFICAS

1. Bíblia Sagrada
2. Catecismo da Igreja Católica
3. Jesus de Nazaré – o centro do cosmo e da história
4. O coração do anúncio cristão
5. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – Papa Francisco
6. Exortação Apostólica Pós Sinodal “Querida Amazônia” – Papa Francisco
7. Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi – Papa Paulo VI
8. Constituição Dogmática Lumen Gentium
9. Testamento espiritual de São Leonardo Murialdo
10. Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia – Doc. 100 da CNBB
11. Escritos de Santo Ambrósio
12. O que é pastoral
13. Apostila o Espírito da Pastoral



Dom Irineu Roman, CSJ – Arcebispo de Santarém – PA

